



**UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE**

Faculdade de Educação

Departamento de Organização e Gestão de Educação

**Factores que Influenciam a Escolha de Curso: Análise comparativa do curso de
Educação de Infância UP e Desenvolvimento e Educação de Infância UEM (2018)**

Maputo

Dorca Luís Maulano Ramos

Maputo, Março de 2019



Faculdade de Educação
Departamento de Organização e Gestão da Educação

Factores que Influenciam a Escolha de Curso: Análise comparativa do curso de Educação de Infância UP e Desenvolvimento e Educação de Infância UEM (2018)
Maputo

Monografia apresentada à Faculdade de Educação em cumprimento dos requisitos parciais para obtenção do grau de Licenciatura em Organização e Gestão de Educação.

Dorca Luís Maulano Ramos

Supervisor

Mestre Xavier Chichongue

Maputo, Março de 2019

Esta monografia é apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane, como um dos requisitos parciais para a obtenção do grau de Licenciatura em Organização e Gestão de Educação.

Comissão do Júri

O presidente

O supervisor

O oponente

Declaração de Honra

Declaro, por minha honra, que esta monografia foi feita por mim sob orientação do meu Supervisor Mestre Xavier Chichongue e que nunca foi apresentada na sua essência ou parcial para a obtenção de qualquer grau acadêmico e as fontes utilizadas estão devidamente indicadas no corpo do trabalho e nas referências bibliográficas.

(Dorca Luís Maulano Ramos)

Dedicatória

Dedico este trabalho ao meu pai Luís Maulano, que desde sempre me incentivou a fazer um curso superior, ao meu esposo Xavier Ferroz, que esteve ao meu lado durante os quatro anos de formação e às minhas filhas Noecy e Josefa, pelo carinho mesmo tendo sido mãe ausente durante o período de formação.

Agradecimentos

O meu agradecimento, em primeiro lugar, vai a Deus Altíssimo, Onnipresente em toda a minha vida especialmente durante a caminhada no curso, a Ele toda a Honra e Glória para sempre.

De seguida, estende-se ao meu marido Xavier Ferroz, pela ajuda nos trabalhos durante o curso.

Aos meus pais Luís e Luísa pela força e apoio em todos os momentos difíceis da minha vida académica.

Ao meu supervisor, Mestre Xavier Chichongue, pela disponibilidade que sempre demonstrou ao longo da realização desta monografia.

Aos docentes da Universidade Eduardo Mondlane, em especial aos da Faculdade de Educação, pelos ensinamentos transmitidos que ajudaram no alcance dos meus objectivos.

À Directora do curso de Desenvolvimento e Educação de Infância da UEM Mestre Isália Mate e ao Director do curso de Educação de Infância da UP, Mestre Ângelo Ferreira pela disponibilidade e por terem-me fornecido informações relevantes para a pesquisa.

Aos meus colegas de serviço e aos do curso de Organização Gestão de Educação, pelos conselhos e ajuda na elaboração do trabalho, e a todos que directa ou indirectamente fizeram parte deste trabalho, o meu muito obrigado.

Índice

Declaração de Honra	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos	iii
Lista de Gráficos e Tabelas.....	iv
Lista de abreviaturas	v
Resumo	vi
Summary.....	vii
CAPÍTULO I	8
1. Introdução.....	8
1.1. Problematização.....	9
1.2. Objectivos da pesquisa.....	11
1.2.1. Objectivo geral	11
1.2.2. Objectivos específicos	11
1.3. Perguntas operacionais	11
1.4. Justificativa	12
CAPÍTULO II	13
2. Revisão da literatura	13
2.1. Definição de conceitos.....	13
2.1.1. Orientação	13
2.1.2. Vocação.....	13
2.1.3. Profissão	14
2.1.4. Orientação vocacional	14
2.1.5. Orientação vocacional e profissional	15
2.2. Teorias psicológicas e não psicológicas da orientação profissional.....	16
2.2.1. Teorias psicológicas	16
2.2.2. Teorias não psicológicas.....	16

2.3.	Factores que influenciam a escolha de curso no ensino superior	17
2.4.	O papel da escola na escolha vocacional.....	18
2.5.	O papel das universidades no apoio aos estudantes de modo a descobrirem sua vocação em relação ao curso	19
2.6.	O papel do Educador de Infância	20
2.7.	Relação entre a legislação do ensino superior e o processo de escolha de curso	20
2.8.	Expectativas dos estudantes após a formação	23
CAPÍTULO III		24
3.	Metodologia.....	24
3.1	Descrição do Local de estudo	24
3.2.	Tipo de pesquisa	25
3.4.	População e Amostragem	26
3.3.1.	População	26
3.3.2.	Amostra	27
3.4.	Procedimentos Técnicos de recolha de dados	27
3.5.	Análise e interpretação dos resultados.....	28
3.7.	Constrangimentos	28
CAPÍTULO IV		29
4.1.	Apresentação e discussão dos resultados obtidos através do questionário.....	29
4.1.2.	Factores que influenciaram a escolha de curso	30
4.1.3.	Apoio que as universidades dão aos estudantes após o ingresso.....	31
4.1.4.	Expectativas dos estudantes após a formação	32
4.2.	Resultados de entrevistas aos directores dos cursos na UP e UEM.	33
CAPÍTULO V		36
5.	Conclusão e Recomendações	36
5.1.	Conclusão	36
5.2	Recomendações	37
Referências Bibliográficas.....		38

Anexo.....	42
Apêndice.....	45

Lista de Gráficos e Tabelas

Tabela

Tabela 1: População de pesquisa	26
--	----

Gráficos

Gráfico 1: Factores que influenciam a escolha de curso	30
Gráfico 2: Apoio que as universidades dão aos estudantes após o ingresso	31
Gráfico 3: Expectativas dos estudantes após a formação	32

Lista de abreviaturas

DEI - Desenvolvimento e Educação de Infância

UEM - Universidade Eduardo Mondlane

UP - Universidade Pedagógica

FACED- Faculdade de Educação

PEES - Plano Estratégico do Ensino Superior

SNE - Sistema Nacional de Educação

PCESG - Plano Curricular do Ensino Secundário Geral

ES - Ensino Superior

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

Resumo

O presente trabalho tem como tema: **Factores que influenciam a escolha de curso: Análise comparativa do curso de Desenvolvimento e Educação de Infância UEM e Educação de Infância UP**. Procurou-se analisar os factores que influenciaram os estudantes a escolher o curso de Educação de Infância nas Universidades Eduardo Mondlane e Pedagógica. Para o alcance dos objectivos, realizou-se a pesquisa exploratória, em que se combinou a pesquisa do tipo qualitativo e quantitativo. Foram usadas as seguintes técnicas de recolha de dados: Pesquisa bibliográfica, questionário e entrevista dirigida aos Directores do curso de Educação de Infância na UEM e UP. Num universo de 78 estudantes, a amostra foi de 41 para as duas Universidades. Feita a pesquisa, os resultados indicam que, o factor que mais influenciou a escolha do curso de educação de infância, nas duas Universidades foi o amor pelas crianças.

Palavras-chave: Influência, Escolha profissional e vocação

Summary

The present work has as its theme: **Factors that influence the choice of course: Comparative analysis of the course of Development and Education of Childhood UEM and Education of Childhood UP.** We attempted to analyze the factors that influenced the students to choose the course of Education of Childhood in the Eduardo Mondlane and Pedagógica Universities. In order to achieve the objectives, the exploratory research was carried out, combining qualitative and quantitative research. The following data collection techniques were used: Bibliographic research, questionnaire and interview directed to the Directors of the course of Childhood Education in the UEM and UP. In a universe of 78 students, the sample was 41 for the two universities. After the research, the results indicate that, in the two universities, the most influential factor was the love of children.

Keywords: Influence, Professional choice and vocation

CAPÍTULO I

1. Introdução

Em Moçambique, o acesso à educação em todos os níveis continua sendo a principal aposta dos decisórios políticos para a erradicação do analfabetismo, e a formação profissional. Actualmente, tem-se notado com grande relevo a crescente procura pela oportunidade de formação e de emprego, sobretudo a faixa etária jovem.

Na fase da juventude, a escolha de curso para o seguimento de uma carreira tem sido uma tarefa muito difícil. A maioria das pessoas escolhe um determinado curso sem conhecer as suas implicações. Como consequência, envolve-se em decepções em relação ao curso escolhido.

Bomtempo (2005) afirma que a escolha de um curso é uma decisão importante na vida de cada indivíduo, visto que é o início de uma possível carreira profissional, sendo assim, diversos factores podem concorrer para a escolha.

A visão do autor acima referenciado é secundada por Bohoslavsky (1998), ao defender que a escolha da carreira profissional é uma etapa de grande importância na vida de cada indivíduo, pois é um momento em que se faz uma escolha no presente, mas com uma visão voltada para o futuro. O mesmo autor vai além afirmando que, pelo facto de ser uma fase decisiva, esse processo pode-se configurar de pressão, onde a família e os amigos cobram um posicionamento, o que acaba gerando conflitos e ansiedade ao indivíduo.

É nesse contexto que a presente pesquisa pretende analisar os factores que influenciam a escolha de curso no ensino superior, onde o estudo foi feito com estudantes do primeiro ano do Curso de Licenciatura em Educação de Infância da Universidade Eduardo Mondlane e Universidade Pedagógica, Cidade de Maputo.

O trabalho é composto por V capítulos. O primeiro capítulo, a introdução que, por sua vez, subdivide-se em seguintes subtemas: problematização; objetivos do trabalho; perguntas de pesquisa e, por fim, a justificativa.

O segundo capítulo é reservado à revisão da literatura na qual se apresenta a definição de conceitos; teorias psicológicas e não psicológicas da orientação profissional, factores de influência na escolha de cursos nas instituições do ensino superior e outros subtemas.

O terceiro capítulo apresenta a metodologia. Nele são arrolados os procedimentos metodológicos que nortearam a realização da pesquisa, nomeadamente: Descrição do Local do Estudo, Tipo de Pesquisa, Método de Pesquisa; População e Amostra; Procedimentos técnicos; Análise e Tratamento dos Resultados; Aspectos Éticos e Constrangimentos.

Já no quarto capítulo, faz-se a análise e discussão dos dados e o quinto, neste caso, o último, apresenta as conclusões e as respectivas recomendações.

1.1. Problematização

O Plano Curricular do Ensino Secundário Geral (2007 p. 22) defende que “no segundo ciclo do ensino secundário geral, o aluno encontra-se numa fase de crescimento em que se prepara para assumir responsabilidade na família, na comunidade, no trabalho e enfrentar uma sociedade em constantes mudanças”.

Segundo Delors (1996 p.139), no relatório para UNESCO com o título, *Educação um Tesouro a Descobrir*, "é durante o ensino secundário geral que os jovens escolhem o caminho de entrada na vida adulta e no mundo de trabalho".

Com isso, entende-se que o nível secundário geral é muito crucial na vida estudantil de um indivíduo, visto que é neste nível em que o indivíduo se prepara para assumir responsabilidade da sua vida, por esta razão, toda a escolha que este fizer ao nível secundário determinará a sua vida futura, assim sendo, urge a necessidade duma boa preparação para que este indivíduo tenha boas escolhas de cursos no ensino superior.

Gonçalves, Borsoi, Santiago, Lino, Lima e Frederico (2018) realçam que o estudante, muitas vezes em idade precoce, é chamado a tomar uma decisão sobre o seu futuro

profissional e tendo escolhido uma das secções, fica-lhe vedada a possibilidade de frequentar um curso superior que não seja o da secção que estudou no ensino médio.

Concluído o I ciclo do ensino secundário, para o ingresso ao nível médio, a escolha de secção tem sido de carácter obrigatório, e é através dela que o aluno decide pela área que pretende seguir já ao nível superior.

Soares (2002) afirma que as pesquisas realizadas sobre as razões da escolha de carreira profissional enfatizam os aspectos do mercado de trabalho, questões de sobrevivência, vocação, status, cultura e história de vida.

O estudo desenvolvido por Jacinto (2015), sobre factores que influenciam a escolha de cursos na UP, delegação de Montepuéz, concluiu que a escolha de cursos no ensino superior é feita a partir das influências externas ao sujeito, e as teorias não psicológicas são as que mais se destacam. O mesmo autor acrescenta ainda que os candidatos não têm nenhuma informação em relação aos cursos ministrados na universidade e a escolha é influenciada pelos seus pais ou encarregados de educação e grupo de amigos.

Analisando as duas abordagens, compreende-se que as escolhas dependem de cada indivíduo, uns escolhem curso que lhes pode oferecer um emprego imediato, outros por vocação ou status. Estas escolhas têm em conta a necessidade do estudante em relação ao curso. Para o caso do estudo feito em Moçambique, a escolha foi determinada por factores externos ou influência externa.

Isto remete à ideia de que muitos estudantes escolhem cursos sem conhecer as suas implicações, apenas guiam-se pelos factores externos, como consequência, entram em frustrações e se não tiverem um aconselhamento durante a formação podem abandonar ou trocar de curso, além disso, é possível que se tornem profissionais insatisfeitos, que trabalham sem nenhum gosto pela profissão, e estes pouco produzem porque, simplesmente, não dão muito de si, nem se preocupam com a produtividade, isso tudo acontece como resultado de más escolhas profissionais.

Ao nível do ensino superior, Soares (2002) considera que no processo da escolha de uma carreira (curso), muitos jovens guiam-se pelas questões relativas ao comportamento do mercado de emprego, pressão social e influência. O que leva a crer que muitos estudantes

escolhem certos cursos sem conhecimento sólido do mesmo e como consequências, entram em desilusões.

Diante desta realidade levanta-se a seguinte pergunta de partida:

- Quais são os factores que influenciam os estudantes na escolha do curso de Educação de Infância nas Universidades, Eduardo Mondlane e Pedagógica?

1.2. Objectivos da pesquisa

1.2.1. Objectivo geral

Compreender os factores que influenciam os estudantes na escolha do curso de Educação de Infância nas Universidades, Eduardo Mondlane e Pedagógica.

1.2.2. Objectivos específicos

- Identificar os factores que influenciam os estudantes na escolha de curso;
- Descrever o tipo de apoio que as universidades dão aos estudantes após o ingresso, de forma a auto-descobrirem-se;
- Indicar as expectativas dos estudantes após a formação.

1.3. Perguntas operacionais

- Quais são os factores que influenciam os estudantes na escolha de curso de Educação de Infância nas universidades Eduardo Mondlane e Pedagógica?
- De que maneira as universidades apoiam os estudantes de modo a se autodescobrirem?
- Que expectativas os estudantes têm do curso de Educação de Infância após a sua formação?

1.4. Justificativa

O interesse pelo tema em estudo foi motivado, por um lado, pelo diálogo estabelecido em 2014 envolvendo docente e discentes do curso de Organização e Gestão da Educação em regime laboral. Nesse diálogo, pretendia-se apurar as razões que impeliram os estudantes a escolherem o curso em alusão.

No decurso do diálogo, percebeu-se que a maior parte dos estudantes havia participado em processo selectivo noutras instituições do ensino superior, com destaque para a Universidade Pedagógica. Num lado os estudantes haviam optado pelo curso similar na condição de segunda opção.

Por outro, o facto de a legislação educativa moçambicana e do ensino superior em particular não preconizarem a componente da orientação vocacional e profissional como um dos requisitos para o ingresso em cursos leccionados ao nível do ensino superior.

Esta pesquisa inserida na temática da escolha de curso no contexto educacional moçambicano é de extrema relevância porque vai servir de referência para estudos futuros sobre factores que influenciam a escolha de cursos no ensino superior.

A nível social, a pesquisa é de extrema importância porque fornecerá informações detalhadas aos empregadores acerca das perspectivas dos seus futuros funcionários.

Espera-se que o estudo desperte às Universidades um repensar nos critérios de admissão para o ingresso.

CAPÍTULO II

2. Revisão da literatura

Neste capítulo, são apresentados conceitos - chave e desenvolvidos alguns subtemas relacionados com o tema em estudo, com apoio de obras de autores que estudaram o mesmo assunto e dos conhecimentos obtidos durante a formação.

2.1. Definição de conceitos

2.1.1. Orientação

Começamos pelo termo "Orientação"

Segundo Levenfus (2002), orientação é uma forma de auxiliar alguém terapêuticamente a encontrar uma direcção para a sua vida, por meio de reconhecimento de uma identidade profissional, a partir do conhecimento do seu mundo interno e do mundo ocupacional.

Por seu turno, Ribeiro e Silva (2011) definem orientação como um processo de ajuda ao conhecimento da pessoa, do mundo e de tudo o que rodeia a fim de resolver problemas e alcançar o bem-estar. Ela visa preparar o homem para a vida futura e ajuda a adquirir uma maturidade.

Na óptica de Matlombe (2008), orientação é um processo que informa e orienta a respeito das profissões do mercado de trabalho e aplica técnica de aprendizagem sem aprofundar as questões psíquicas do orientando.

Confrontando as definições supracitadas, pode-se afirmar que a orientação é acto ou efeito de dirigir e guiar, isto é, informar alguém sobre aquilo que deseja saber.

2.1.2. Vocação

Segundo Melo-Silva, Lassance e Soares (2004), vocação significa chamamento, predestinação, tendência, disposição, talento e aptidão.

Para Moura e Silveira (2002), vocação é um conceito socialmente construído na medida em que existe um conjunto de valores e normas sociais aos quais se espera que as pessoas

respondam, adequando suas características e padrões de um dado momento básico. Portanto, a vocação de uma pessoa é socialmente determinada e implicará numa combinação única de sua história genética, pessoal, familiar e cultura.

Analisando as definições dos autores acima aludidos, verifica-se que a ideia de Melo-Silva, Lassance e Soares (2004) é restritiva, visto que eles definem a vocação de forma isolada, isto é, apontam apenas aspectos interiores do indivíduo, ao passo que a ideia de Moura e Silveira (2002) é mais abrangente, por associar aspectos internos e externos.

2.1.3. Profissão

Soares (2002, p. 96) define "a profissão como sendo actividade ou ocupação especializada da qual se pode tirar meios de subsistência".

Gonçalves et. al. (2018, p. 17) explica que "na linguagem corrente, profissão é entendida como exercício habitual de uma actividade económica como meio de vida, ofício, mister, emprego e ocupação".

No entender de Bock (2013), numa determinada profissão há aspectos a considerar para fazer a escolha certa: o mercado de trabalho, a importância social e a remuneração da profissão e ainda o tipo de trabalho e as habilidades necessárias ao seu desempenho. Todos estes elementos são avaliados pelo indivíduo e em algum momento podem contribuir para que a pessoa escolha ou não a profissão.

Assim, pode se assegurar que profissão é qualquer actividade ou ofício exercido, remunerado ou não, com ou sem conhecimento científico, pois, é possível exercer uma determinada profissão por meio de habilidades natas.

2.1.4. Orientação vocacional

De acordo com Soares (2002), orientação vocacional é o processo pelo qual se dá uma ajuda psicológica a um indivíduo de modo a identificar suas aptidões, interesses e seu auto-conceito, na escolha de uma ocupação, preparar-se para ela, ingressar e progredir positivamente.

Levenfus (2002) define a orientação vocacional como um processo mais abrangente, que diz respeito não somente à informação do professor, mas toda uma busca de conhecimento a respeito de si mesmo, características pessoais, familiares e sociais do orientando promovendo o encontro das afinidades do mesmo com aquilo que pode vir a realizar como trabalho.

Para Ribeiro e Silva (2011), orientação vocacional é um auxílio ao jovem que deseja ingressar em curso do nível superior, particularmente ao jovem oriundo do nível médio.

Desta forma, entende-se que a orientação vocacional tem em vista a direcção de alguém que pretende ingressar numa formação seja superior ou não, com objectivo de ajudá-lo a auto descobrir-se.

2.1.5. Orientação vocacional e profissional

Lisboa e Soares (2018) definem orientação vocacional e profissional como sendo o processo de selecção e preparação do estudante para a vida laboral enquanto Levenfus (2002) explica que a orientação vocacional e profissional é um processo de formação que visa dirigir e guiar o estudante para uma profissão que lhe ofereça mais possibilidades e probabilidades de sucesso, correspondendo às suas atitudes psíquicas e físicas.

Analisando a abordagem acima descrita, compreende-se que a orientação vocacional e profissional é um processo que visa ajudar, sistematicamente, pessoas que necessitam de decidir sobre o futuro da formação ou profissão. Conforme descrevem Lisboa e Soares (2018), trata-se de proporcionar ao estudante um conjunto de ferramentas para despertar sua vocação e inclinação para uma área que se identifica com suas habilidades e capacidades, mediante a uma intervenção técnica baseada em princípios e intervenções de agentes educativos. Esse processo tem como meta criar a autonomia dos estudantes, no seu percurso académico e profissional.

2.2. Teorias psicológicas e não psicológicas da orientação profissional

2.2.1. Teorias psicológicas

De acordo com Bock (2006), as teorias psicológicas são as que analisam os determinantes individuais que explicam seus movimentos de escolha. O indivíduo tem papel activo e as condições socioeconómicas têm uma função secundária no processo. Estas teorias pressupõem efectiva participação do sujeito e prevêm (não em todos casos) uma actuação de profissionais no sentido de facilitar ou dar sentido técnico o processo de escolha das pessoas.

2.2.2. Teorias não psicológicas

Bock (2006) afirma que as teorias não psicológicas postulam que a escolha profissional do indivíduo é causada por elementos externos a ele (teoria de acidente, teoria económica, teoria cultural e sociológica). Estas teorias descrevem o processo de inserção das pessoas no trabalho, descartando que a pessoa possa assumir um papel activo. Por extensão, descartam a possibilidade de que as mesmas possam ser orientadas no processo, uma vez que se tem um entendimento de que a orientação implica a possibilidade de o indivíduo planificar seu futuro profissional.

Assim, percebe-se que as teorias psicológicas defendem que a escolha profissional dum indivíduo é condicionada por factores internos, nesta teoria as condições socioeconómicas não têm nenhuma influência, o indivíduo escolhe uma determinada profissão por amor à mesma, enquanto as teorias não psicológicas defendem que os determinantes da escolha profissional são factores externos ao indivíduo, neste caso o indivíduo não assume um papel activo na escolha, mas sim depende de terceiros.

2.3. Factores que influenciam a escolha de curso no ensino superior

Existem diversos factores que podem influenciar a pessoa a escolher um determinado ramo de formação.

Bomtempo (2005) afirma que, embora a necessidade pelo precoce ingresso no mercado de trabalho e outros factores socioeconómicos externos ao controlo do indivíduo lhe restrinjam a escolha profissional, existe a liberdade de cada indivíduo em decidir pela própria sorte e construir seu destino, alterando rumos e ajustando-se a situações em busca da felicidade.

As condições socioeconómicas determinam a escolha, visto que os indivíduos com condição económica baixa tende a procurar cursos que lhes ofereça oportunidade no mercado de emprego.

Assim sendo, apesar de existir uma liberdade para a escolha de curso, existem factores como o rápido ingresso no mercado do emprego após a formação, que é determinado pela condição socioeconómica. Os factores fora do controlo do indivíduo limitam a escolha de curso que lhe traga felicidade. Por esta razão, muitos jovens escolhem cursos, mesmo sabendo que não vão de encontro com os seus sonhos.

Vários estudos apontam como factor que influencia a decisão da escolha precoce do curso a falta de orientação vocacional. Os estudos realizados por Fonseca (2003) descrevem a falta de orientação vocacional, imaturidade, cursos de segunda opção, busca pela herança profissional, pressão familiar, escolha de cursos pela baixa concorrência, dificuldades escolares como deficiência da educação básica.

Um outro estudo realizado por Bock (2013) concluiu que o factor que influencia a escolha profissional é a sociedade que exige das pessoas uma profissão que dê fama e sucesso. E outro factor apontado é a família na qual os pais ficam mais sossegados quando o filho ingressa numa universidade famosa.

Soares (2002) divide os factores determinantes na escolha profissional em: políticos, económicos, sociais, educacionais, familiares e psicológicos.

Fonseca (2003), ao abordar sobre factores, focaliza a questão de factores que inibem uma escolha assertiva, onde aponta, a imaturidade, a falta de orientação vocacional e cursos de segunda opção como principais determinantes de escolhas precoces.

As posições acima referenciadas, ambas apontam a família e a sociedade como sendo o factor determinante para a escolha de cursos, pois, actualmente a sociedade discrimina quem não tem formação superior e também a maior parte das famílias sente-se orgulhosa quando um dos membros possui o nível superior e não se observa o curso que a pessoa tenha frequentado.

Desta forma, entende-se que no momento da escolha do curso diversos factores podem influenciar esta acção, factores estes que podem ser económicos, sociais, familiares e status. Estes factores variam de indivíduo para indivíduo, sua condição financeira, sua cultura e valores. Diversas vezes, a família é apontada como principal agente que influencia a escolha de um determinado curso.

Estudos feitos por Piffer (2015), com objectivo de analisar as razões que levaram a escolha, motivações e expectativas em relação ao exercício da profissão docente no curso de pedagogia, na área de educação de infância, concluíram que a principal motivação apontada pelos estudantes foi o desejo de trabalhar com crianças.

2.4. O papel da escola na escolha vocacional

O estudo feito por Lisboa e Soares (2018) concluiu que, mesmo sendo a tarefa da escola ajudar o aluno a desenvolver potencialidade afectivo - cognitivas, sociais e prepará-lo para o trabalho, oferecendo uma formação adequada para o ingresso no mundo profissional, na prática não é isso que ocorre, porque nas escolas não existem actividades sistemáticas de informação e orientação vocacional.

Ussene (2011) afirma que a orientação vocacional deve ser parte integrante do processo educativo, o que levará a que as escolhas vocacionais se tornem parte integrante da formação do estudante, deixando de ser só um único momento de decisão, para fazer parte de um processo educativo organizado que agrupe a informação vocacional, discussões colectivas, actividades práticas, englobadas numa formação mais geral.

Compreende-se que a escola, para além de ser um local no qual se busca o conhecimento científico, é também uma entidade transformadora cuja função é de instruir indivíduos de modo a fazerem uma escolha assertiva que os prepara para ingressar no mundo de trabalho. Assim, a falta de acompanhamento adequado e rigoroso pode dificultar o aluno nas suas decisões de escolha profissional.

2.5. O papel das universidades no apoio aos estudantes de modo a descobrirem sua vocação em relação ao curso

Segundo Chibemo e Canastro (2015), as instituições do ensino superior devem melhorar a integração dos estudantes por via de realização de palestras que expliquem os conteúdos e saídas profissionais dos cursos, bem como a realização de seminários e visitas estudantis às instituições, realização de testes psicotécnicos, dando oportunidades para a realização de actividades multidimensionais com abordagem holística integrada de orientação.

Prim (2003) afirma que as instituições do ensino superior têm um papel importante, através de políticas institucionais que permitem auxiliar os estudantes a concluírem os estudos. Dentre as várias formas de evitar a desistência do estudante de um determinado curso, destaca-se: A realização de pesquisas com novos ingressos para aferir o grau de satisfação pela formação, ajuda ao estudante uma vez que escolheu o curso precocemente, e integração de estudantes em determinados cursos.

Observando as ideias dos autores acima mencionados, compreende-se que não basta garantir o acesso ao ensino superior, é necessário que as universidades criem condições que permitam aos estudantes descobrirem sua vocação em relação ao curso e garantir a permanência.

2.6. O papel do Educador de Infância

Segundo Simões (2015), o educador de infância tem o papel de colocar em prática o currículo com o objectivo de chegar a uma intervenção correcta e positiva para o desenvolvimento da criança, observar atentamente e proporcionar experiências desafiadoras.

Ainda na óptica do autor acima indicado, a educação é por natureza uma intervenção. Esta intervenção é necessária para que a criança desenvolva todas as suas capacidades e a sua personalidade e se aproprie das normas sociais, dos símbolos e da linguagem do grupo e da sociedade na qual se insere.

Esta intervenção consiste em um adulto, através de diversas situações, oferecer à criança condições propícias para ela utilizar de forma eficiente às suas capacidades.

Kamii e Morgado (2003) afirmam que o educador de infância tem o papel de estimular a integração da criança no meio envolvente, desenvolvendo as competências e capacidades físicas, emocionais, psíquica e sociais das crianças que se inserem na faixa etária dos três a seis anos de idade, a idade do ingresso no ensino básico.

Por conseguinte, o educador de infância não deve apenas limitar-se em ensinar a ler e escrever, mas também deve ajudar a criança a desenvolver as capacidades que possui, estas capacidades ajudarão a mesma a socializar-se e a despertar curiosidade.

2.7. Relação entre a legislação do ensino superior e o processo de escolha de curso

Segundo a lei 6/92, o Sistema Nacional de Educação está estruturado em: ensino pré-escolar e ensino escolar. O ensino pré-escolar realiza-se nas creches e jardins-de-infância para crianças de idade inferior a seis anos, o ensino escolar compreende ensino geral, ensino técnico-profissional e ensino superior. Uma das modalidades especiais do ensino escolar é o ensino vocacional que a mesma lei no seu artigo 30 do nº1 refere que o mesmo

consiste na educação dos jovens que demonstram talentos e aptidões particulares nos domínios das ciências e das artes.

Analisando o artigo acima apresentado, verifica-se que a orientação vocacional em Moçambique não é tratada como em outros países, a título de exemplo, Itália.

Segundo Tavares (2009), nas instituições públicas, o Ministério da Educação é que se responsabiliza pelos serviços de orientação profissional e pelas escolas através de autoridades locais da educação que se localizam em cada distrito. Em Portugal, as escolas proporcionam uma orientação e apoio educativo aos alunos do terceiro ciclo do ensino básico e os do ensino secundário visando fazer um acompanhamento dos mesmos de modo a enveredarem por escolhas assertivas de cursos ou profissões.

Em Moçambique, a orientação vocacional é vista como ensino vocacional destinado a jovens que demonstram algum talento em ciências ou ofícios, no qual se faz um acompanhamento com vista a aperfeiçoar o talento, e esta política, de alguma forma discrimina indivíduos aparentemente sem nenhum talento, visto que não existe aconselhamento a estes de modo a se autodescobrirem.

A lei 27/2009 do ensino superior, no seu artigo 14, do nº 1, afirma que as instituições do ensino superior classificam-se em: Universidades, institutos superiores, escolas superiores, institutos superiores politécnicos, academias e faculdades. Dentre várias instituições, interessa reflectir acerca da universidade, visto que é o local de estudo.

A mesma lei no nº1, alínea b) do artigo 4, explica que o acesso a cada curso do ensino superior tem em conta a preferência do candidato, o seu nível de conhecimentos científicos, aptidões, bem como a capacidade da respectiva instituição.

No entanto, apesar do sistema do ensino dar uma autonomia ao candidato na preferência do curso, acaba criando limitações ao determinar a área científica que corresponde a cada curso, porque a escolha dum secção no ensino médio determina área a seguir no nível superior. Tendo escolhido uma das secções, o estudante fica vedado à possibilidade de frequentar um curso superior que não seja o da secção que estudou durante o ensino médio.

De acordo com Ussene (2011), em Moçambique, o ensino superior destina-se aos graduados da 12^a classe do ensino geral ou equivalente. Para a sua admissão, os candidatos são submetidos a um exame em duas áreas científicas, de acordo com o curso a que se candidatam. Em média, os cursos duram quatro ou cinco anos.

Desta forma, entende-se que apesar de as universidades disponibilizarem a escolha de cursos ao critério dos estudantes, as leis que norteiam o ensino superior em Moçambique não prevêem a componente da orientação vocacional como um dos critérios do ingresso para o ensino superior.

De acordo com Plano Estratégico do Ensino Superior 2012-2020, acesso é a possibilidade de qualquer estudante com ensino secundário concluído poder matricular-se no ensino superior, independentemente da capacidade económica da família. Acrescenta que o objectivo geral é o de assegurar que os estudantes com ensino secundário concluído, ingressem no ES, no quadro das condições de acesso definidas e segundo as vagas existentes no subsistema do ES.

Este documento mostra que a maior preocupação do Estado é garantir que todo o indivíduo que tenha concluído o ensino secundário geral tenha acesso ao ensino superior independentemente da sua condição social e económica, não se tem em conta os cursos que cada indivíduo pode escolher bem como o acompanhamento no acto da escolha dos mesmos.

De acordo com os resultados do estudo realizado por Chibemo e Canastra (2015), em algumas instituições de Ensino Superior, na Beira, embora exista a orientação académica e profissional, a componente vocacional é quase inexistente. O mesmo estudo constatou que quando os estudantes entram para o ES não são acompanhados no seu processo vocacional e profissional particularmente pela falta de investimento em infra-estruturas de apoio psico-social e psico-pedagógico e verificou-se que não existe um gabinete de apoio psicológico-pedagógico, de modo a acompanhar o discernimento vocacional e profissional de cada estudante.

Deste modo, compreende-se que o sistema do ensino não preconiza a componente da orientação vocacional e profissional como um dos requisitos para o ingresso em cursos leccionados ao nível do ensino superior.

2.8. Expectativas dos estudantes após a formação

Para Moura e Silveira (2002), durante a escolha de um curso no ensino superior, o indivíduo questiona-se sobre seu futuro profissional, considerando sucesso, *status*, modo e estilo de vida. Desse modo, ele procura uma profissão que possa atender às suas expectativas e, acima de tudo, na qual ele se identifique, projectando o que gostaria de ser ou como gostaria de se ver no futuro.

Calça (1999) defende que em relação ao futuro profissional, as expectativas são dirigidas à conclusão do curso e pouco a momento vivenciado permitindo a visão que o aluno espera pela solução mágica dos seus conflitos no encerramento do curso.

Soares (2002) explica que no momento de escolha de uma profissão, muitos jovens levam em consideração como está o mercado de trabalho para o profissional de área, ou seja, questionam-se se há oferta de emprego ou não.

O ingresso no ensino superior, indirectamente, significa uma escolha profissional uma vez que os cursos que são ministrados reflectem aquilo que o jovem poderá desempenhar no futuro.

Com base nas ideias dos autores acima aludidos' pode-se afirmar que todo o individuo que escolhe um curso ou profissão tem expectativa. Os estudantes, ao escolherem cursos nas universidades, esperam adquirir uma ocupação após a formação. Isto é ingressar no mercado do emprego, em muitos casos, durante a escolha do curso, o estudante avalia o mercado de trabalho que o curso pode oferecer, por esta razão muitos estudantes escolhem cursos que lhes podem oferecer emprego logo após a formação.

CAPÍTULO III

3. Metodologia

Este capítulo apresenta a descrição dos passos metodológicos percorridos para a realização deste trabalho, nomeadamente: descrição do local de estudo, tipo de pesquisa, método de pesquisa, método de procedimento, população e amostra, instrumentos de recolha de dados, procedimentos de recolha de dados, aspectos éticos, análise e interpretação dos resultados e constrangimentos.

3.1 Descrição do Local de estudo

Universidade pedagógica

Universidade Pedagógica (Campos da Lhanguene) localiza-se na Cidade de Maputo, no sudoeste do distrito Municipal Kanlhamankulu, Bairro de Chamanculo “B” entre as Avenidas de Trabalho e de Moçambique, N1. Esta universidade destina-se a formação de professores do nível superior.

A universidade pedagógica está dividida em faculdades e escolas. Interessou realizar pesquisa na Faculdade de Ciências de Educação e Psicologia, no Departamento de Ciências de Educação, visto que é nesta onde se lecciona o curso de Educação de infância, curso este em que se analisou os factores que influenciaram a sua escolha. Frequentam este curso 293 estudantes, sendo 19 homens e 274 mulheres do regime laboral e pós-laboral, do 1º a 4º ano.

Este curso, a nível da UP delegação Maputo, é leccionado por nove professores, destes, sete são homens e duas são mulheres.

Universidade Eduardo Mondlane

Para além da UP, este estudo também foi realizado na UEM, localizada na Avenida Julius Nyerere, número 3453, no distrito municipal Kanpfumo, entre os Bairros Somarchilde e Polana caniço A, na cidade de Maputo.

A UEM destina-se a formar técnicos do ensino superior em diversas áreas científicas. É neste local onde é leccionado o curso de desenvolvimento e Educação de Infância, na Faculdade de Educação. Fazem parte do curso de Educação de infância 136 estudantes dos quais 30 são homens e 106 são mulheres, do 1º a 4º ano é de salientar que o curso de

Desenvolvimento e Educação de Infância, na UEM, é leccionado apenas no período laboral. Quanto aos professores que leccionam o mesmo curso, são 38, sendo 18 homens e 20 mulheres, todos leccionam cadeiras similares à do curso em causa, noutros ramos de formação, da mesma Faculdade.

3.2. Tipo de pesquisa

A presente pesquisa é um estudo de caso, realizado nas Universidades acima descritas.

Segundo Gil (2008), estudo de caso é um estudo profundo, exaustivo de um ou poucos objectos de forma que permita o seu vasto e detalhado conhecimento.

O trabalho baseou-se na combinação da pesquisa quantitativa e qualitativa.

A pesquisa quantitativa serviu para verificar em termos de frequência e média das respostas dadas pelos estudantes que participaram na pesquisa, enquanto a pesquisa qualitativa envolveu a análise de dados descritivos, obtidos no contacto directo da autora com os estudantes, preocupando-se em retratar a perspectiva dos participantes.

A escolha deste tipo de pesquisa fundamenta-se na tese de Silveira e Córdova (2009), que dizem que a pesquisa qualitativa é aquela que propicia o aprofundamento das questões relacionadas com o fenómeno em estudo e das suas relações e a quantitativa como a que recorre ao uso de técnicas estatísticas para os aspectos que podem ser quantificáveis.

Quanto aos objectivos, a pesquisa foi exploratória visto que, no entender de Gil (2008), este tipo de pesquisa permite descrever, explicar e interpretar factos.

3.3. Método de estudo

Quanto ao método, utilizou-se o comparativo. "O método comparativo procede pela investigação de indivíduos, classes, fenómenos ou factos, com vista a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles", Gil (2008, P. 17)

3.4. População e Amostragem

3.3.1. População

A definição da população e amostra é uma das questões fundamentais para o estudo.

Costa e Costa (2013) consideram que a população é um conjunto de todos elementos que cada um deles apresenta uma ou mais características em comum.

Neste contexto, a população deste estudo é composta por 78 estudantes do primeiro ano, regime laboral, do curso de Desenvolvimento e Educação de Infância da Faculdade de Educação da UEM, e Educação de Infância da Faculdade de Ciências de Educação e Psicologia da UP, sendo 13 de sexo masculino e 65 de sexo feminino.

Tabela 1: População de pesquisa

Instituição	População	Sexo		Sob total	Total
		Masculino	Feminino		
FACED-UEM	Estudantes	8	32	40	78
FCEP-UP	Estudantes	5	33	38	
FACED-UEM	Directora do curso	—	1	1	2
FCEP-UP	Director do curso	1	—	1	

Fonte: Autora da pesquisa

3.3.2. Amostra

De acordo com Costa e Costa (2013), amostra é parte de uma população. No presente estudo, a amostra foi de 43 elementos, dos quais 41 são estudantes seleccionados através da amostragem aleatória simples. Os autores definem amostragem aleatória simples como sendo aquela em que cada elemento da população tem a mesma oportunidade de ser seleccionado na amostra e dois são directores de curso, seleccionados através da amostragem por conveniência, que ainda na ideia dos mesmos autores, amostragem por conveniência é aquela em que o pesquisador selecciona membros da população mais fáceis e disponíveis.

3.4. Procedimentos Técnicos de recolha de dados

No que diz respeito aos procedimentos técnicos, foram aplicadas três técnicas de recolha de dados que são: pesquisa bibliográfica, questionário e entrevista semi-estruturada.

Para Gil (2008), pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado com objectivo de analisar posições diversas em relação a um determinado assunto. Nesta técnica procedeu-se à leitura de diversas obras de autores que estudaram o tema e que permitiram a compreensão e o avanço do mesmo.

A segunda técnica aplicada foi o questionário que, de acordo com Silveira e Córdova (2009) “é um instrumento de recolha de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do pesquisador”.

Quanto a esta técnica, foram elaboradas questões abertas e fechadas, dirigidas aos estudantes do curso de educação de infância da UP e UEM, com vista a obter respostas do problema de pesquisa. Como instrumento de recolha de dados, utilizou-se um guião de questões.

A terceira técnica foi a entrevista semi-estruturada, entendida por Costa e Costa (2013), como sendo um instrumento de recolha de dados, aplicado quando se pretende atingir um número reduzido de indivíduos. Desta feita, foram elaboradas questões dirigidas aos

directores do curso de Educação de Infância, cujo instrumento de recolha de dados foi o guião de entrevista.

3.5. Análise e interpretação dos resultados

Para analisar e interpretar os dados da pesquisa recorreu-se à análise por meio de conteúdo. Bardin (2012) explica a análise por conteúdo é uma técnica de análise de dados que pretende descrever o conteúdo ou informação no processo de comunicação seja por meio de oral ou textos escritos.

3.6. Aspectos éticos

Foram respeitados os parâmetros definidos nos regulamentos de elaboração da monografia, em vigor na FACED. Para formalizar a realização do estudo na UP e UEM, solicitou-se uma credencial à Direcção da Faculdade de Educação e garantiu-se a confidencialidade e o anonimato dos inquiridos.

3.7. Constrangimentos

Na elaboração do presente trabalho houve o seguinte constrangimento:

Dificuldade em encontrar todos os estudantes.

Como solução do constrangimento, recorreu-se aos chefes de turma que facilitaram a localização dos estudantes e entrega do questionário.

CAPÍTULO IV

4.1. Apresentação e discussão dos resultados obtidos através do questionário

O presente capítulo faz apresentação e análise dos resultados da pesquisa conduzida nas universidades Pedagógica e Eduardo Mondlane .

4.1.1. Papel do educador de infância

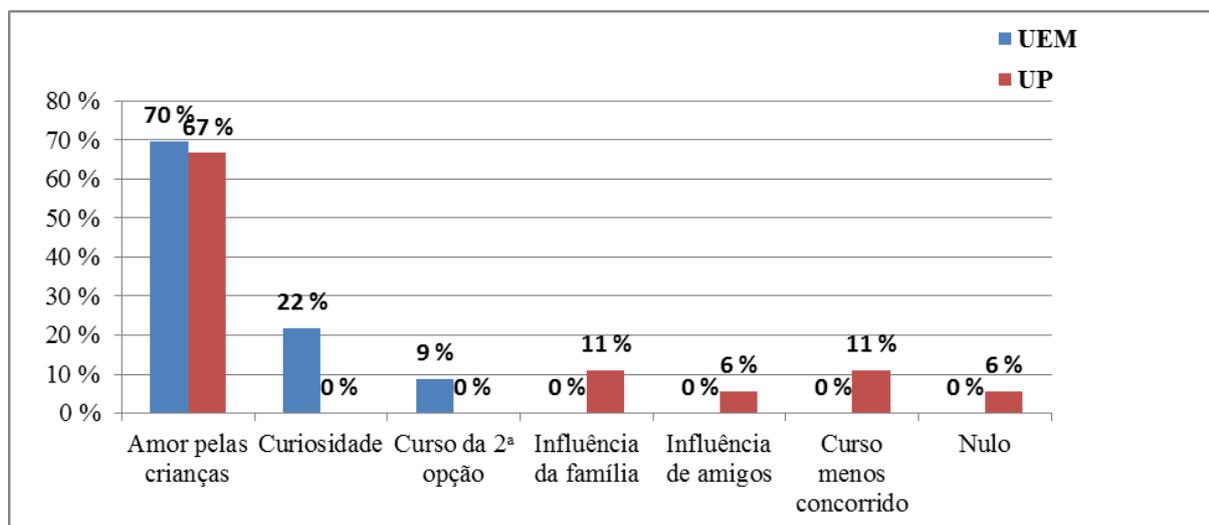
Na primeira pergunta procurou-se saber dos estudantes acerca do papel do educador de infância ao que 50% dos inquiridos da UP afirmaram que o papel de educador de infância é de transmitir carinho e amor às crianças, 39% responderam que é de ensinar a ler e escrever, e 11% referiram que o papel do educador de infância é de transmitir valores.

Dos inquiridos da UEM, 43% dos estudantes, afirmou que o papel do educador de infância é de transmitir carinho, amor às crianças, 22% disse que é de ensinar a ler e escrever, a mesma percentagem de estudantes referiu que o papel do educador é de transmitir valores e 13% respondeu que é ensinar jogos e brincadeiras.

Comparando as respostas dos estudantes das duas universidades, pode-se perceber que eles têm pouco conhecimento do seu papel como educadores de infância, pelo facto de não terem terminado o curso que lhes dá competência de perceber o que é um Educador de Infância. Na ideia de Kamii e Morgado (2003), o educador de infância tem o papel de estimular a integração da criança no meio envolvente, desenvolvendo as competências e capacidades físicas, emocionais, psíquica e sociais das crianças.

4.1.2. Factores que influenciaram a escolha de curso

Gráfico 1: Factores que influenciam a escolha de curso



O gráfico, mostra que 70%, dos estudantes da UEM, responderam que a escolha de curso de Educação de Infância se deveu ao amor que os mesmos têm pelas crianças, 22% afirmou que foi simples curiosidade e 9%, dos estudantes respondeu que este foi o curso da 2ª opção.

O mesmo gráfico ilustra que 67% dos estudantes da UP responderam que o factor que influenciou a escolha do curso foi o amor pelas crianças, 11% disse que foi influência da família, 6% afirmaram que foi influência de amigos, 11% por ser curso menos concorrido e 6% não deram resposta.

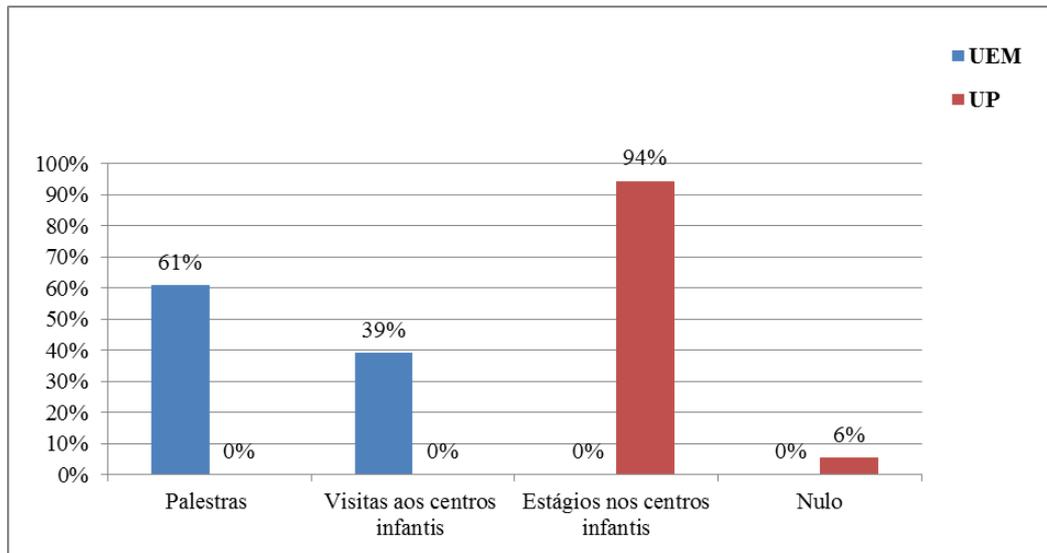
Ao comparar os dados obtidos nas duas universidades, observa-se que a resposta "o amor pelas crianças" é um dos principais factores que influenciou a escolha do curso de educação de infância. Tal constatação aproxima-se ao estudo realizado por Piffer (2015), no qual um dos principais motivos para a escolha de curso de pedagogia consistia no "gostar de crianças". Em ambas universidade, a criança é apontada como fonte de motivação para a escolha do curso. Contudo existe uma divergência no que concerne aos factores família e amigos, pois estes apenas foram apontados pelos estudantes da UP.

Com isso, entende-se que os indivíduos se diferem entre si por várias características, cada um tem seus interesses, sua personalidade e autoconceito em relação ao mundo, por esta

razão, os determinantes que influenciam a escolha do curso também variam de indivíduo para indivíduo.

4.1.3. Apoio que as universidades dão aos estudantes após o ingresso

Gráfico 2: Apoio que as universidades dão aos estudantes após o ingresso



O gráfico acima mostra que 61% dos estudantes inquiridos na UEM, responderam que a universidade tem optado por palestras como forma de ajudar o estudante a descobrir a vocação pela área de Educação de Infância e 39% afirmaram que tem feito visita aos centros infantis para observar a área de actuação dum estudante formado no curso de Educação de Infância.

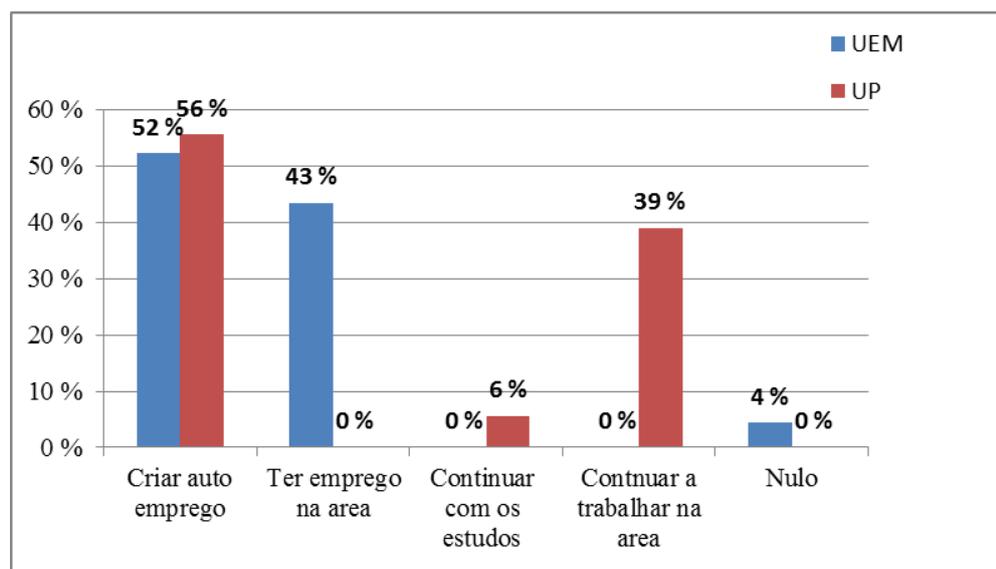
O mesmo gráfico mostra uma divergência quanto às respostas da UP, pois 94% dos estudantes inquiridos na UP disse que o único apoio que tem da universidade é o estágio e 6% não deu resposta. Estas respostas vão ao encontro da visão dos autores Chibemo e Canastro (2015), que afirmam que as instituições do ensino superior devem melhorar a integração dos estudantes por via de realização de palestras que expliquem os conteúdos e saídas profissionais dos cursos, bem como a realização de seminários e visitas estudantis às instituições, realização de testes psicotécnicos, dando oportunidades para a realização de actividades multidimensionais com abordagem holística integrada de orientação.

Verifica-se que, apesar de tratar-se de universidades públicas, cada uma tem suas políticas internas que regem o funcionamento das mesmas, visto que uma opta por palestras e visitas às instituições que serão áreas de actuação do profissional formado em educação de infância como forma de integrar o aluno no curso e ajudar o mesmo a autodescobrir-se, e a outra recorre apenas ao estágio.

Apesar de a UEM recorrer a visitas às escolinhas, é necessário que essas visitas não terminem apenas em centros infantis ou escolinhas, mas devem abranger todas as áreas de actuação, conforme diz o plano curricular do curso, o qual explica que os formados nesta área podem trabalhar em organizações não-governamentais, Ministério de Mulher Género e Acção Social, desta forma o estudante saberá que está sendo preparado para trabalhar em diversas áreas ligadas a crianças.

4.1.4. Expectativas dos estudantes após a formação

Gráfico 3: Expectativas dos estudantes após a formação



Os dados do gráfico mostram que 52% dos estudantes da UEM e 56% dos estudantes da UP afirmaram que pretendem criar seu auto-emprego; 43% dos estudantes da UEM disseram que após a conclusão do curso pretendem ter emprego na área; 39% dos estudantes da UP vão continuar a trabalhar na área; 6% da UP afirmaram que pretende continuar com os estudos e 4% dos estudantes da UEM não deram resposta.

Existe uma convergência em relação às expectativas dos estudantes da UP e UEM, onde 52% da UEM e 56% da UP referiram que têm a expectativa de criar seu próprio emprego, quanto às outras respostas, existe uma divergência, através das respostas dos estudantes da UP, pode-se afirmar que alguns destes já trabalham na área de educação de infância, pelo facto de terem afirmado que pretendem continuar a trabalhar na área.

Para Moura e Silveira (2002), durante a escolha de um curso no ensino superior, o indivíduo questiona-se sobre o seu futuro profissional, considerando sucesso, status, modo e estilo de vida. Desse modo, ele procura uma profissão que possa atender às suas expectativas e, acima de tudo, na qual ele se identifique, projectando o que gostaria de ser ou como gostaria de se ver no futuro.

No momento de escolha de cursos, os estudantes do curso de Educação de infância procuraram um curso que pudesse atender às suas expectativas. Verificou-se que tanto os estudantes da UP como da UEM escolheram este curso tendo em conta que lhes prepara para uma autonomia de criação de auto-emprego.

Desta forma, percebe-se que, com a crescente crise económica, aliada à falta de emprego no país, muitos jovens tendem a optar pelos cursos profissionalizantes que lhes capacitem a empreender, e este pode ser considerado um desses cursos.

Após a formação, o profissional de Educação de Infância pode ser considerado polivalente, podendo resolver problemas organizacionais das mais diversas áreas ligadas à Educação de Infância.

4.2. Resultados de entrevistas aos directores dos cursos na UP e UEM.

Com objectivo de colher informações acerca do tema em estudo, realizou-se entrevistas com os directores do curso de Educação de Infância.

Em relação à primeira questão sobre os factores que influenciaram os estudantes a escolherem o curso de educação de infância, verificou-se uma convergência de opiniões dos directores de ambas universidades ao apontarem os seguintes factores como sendo os determinantes: *área profissional, isto é, são estudantes que trabalham na área, alguns escolhem por reconhecimento (mudança de carreira), e outros por gosto pelas crianças,*

todavia a directora da UEM acrescentou que *outros escolhem pela indicação da família e por segunda opção.*

Os factores mencionados pelos estudantes são os mesmos apresentados pelos directores dos cursos, embora haja um factor diferente, referente ao reconhecimento.

A partir das percepções acima apresentadas, pode-se dizer que são vários os factores que influenciam os estudantes na escolha de cursos, e os mesmos factores são mencionados na literatura. Conforme afirma Soares (2002), os factores determinantes na escolha profissional podem dividir-se em: Factores políticos, económicos, sociais educacionais, familiares e psicológicos.

Questionados sobre a existência de actividades levadas a cabo pela direcção do curso com a finalidade de descobrir o lado vocacional após o ingresso, O director do curso da UP respondeu que *“a única forma usada nesta instituição de ensino são as práticas pedagógicas iniciadas a partir do primeiro ano até o quarto do curso, estas práticas são usadas como forma de envolver o estudante na área e ajudar a ter gosto pelas crianças e para UEM, no início do ano há encontros de aconselhamento com estudantes novos, onde explica-se a finalidade do curso, as áreas de actuação, como forma de ajudar o estudante a se autodescobrir e por sua vez decidir se vale a pena continuar. A directora acrescentou que para além destes encontros existe uma interacção constante por parte da direcção com chefes de turmas, existem também as práticas pedagógicas e estágios que permitem o estudante ter contacto com o grupo alvo e por fim a escolha fica aberta caso queiram alguma ajuda.”*

De acordo com as respostas dos directores do curso e as dos estudantes, nota-se que as únicas formas de apoio aos estudantes são estágios, visitas às escolinhas, práticas pedagógicas e palestras no início das aulas, o que contraria a visão de Ussene (2011). Na óptica deste autor, a orientação vocacional deve ser parte integrante do processo educativo, o que levará a que as escolhas vocacionais se tornem parte integrante da formação do estudante, deixando de ser só um único momento de decisão, para fazer parte de um processo educativo organizado que agrupe a informação vocacional, discussões colectivas, actividades práticas, englobadas numa formação mais geral.

Assim entende-se que este apoio não é suficiente para ajudar o estudante a autodescobrir-se, visto que os estudantes ingressam na universidade sem passar por nenhum teste vocacional. Por esta razão, há necessidade de ter um aconselhamento vocacional permanente dentro das universidades, adoptando políticas e regulamentos de funcionamento com a finalidade de ajudar os estudantes.

Relativamente à última questão, sobre as expectativas que se tem em relação aos estudantes após a formação, os directores tiveram respostas um pouco diferenciadas. Para o director do curso de Educação de Infância, na UP, respondeu que *“existem dois tipos de estudantes, os iniciais e em exercício, dos estudantes iniciais espera-se que entrem no mundo do trabalho em organizações não-governamentais, Ministério da Mulher, Género e Acção Social e jardins-de-infância e para os estudantes em exercício, espera-se que tenham uma nova visão em relação a área na qual trabalham e que tragam novas experiências nos seus locais de trabalho. Para a directora da UEM, ao longo da formação os estudantes adquiriram ferramentas suficientes para pô-las em prática. Uma das formas de preparar o estudante é o estágio, com este, o estudante pode aplicar as habilidades adquiridas e criar sua fonte de rendimento ou auto-emprego.”*

Em suma, a expectativa é que os estudantes coloquem em prática e da melhor maneira tudo o que apenderam.

CAPÍTULO V

5. Conclusão e Recomendações

5.1. Conclusão

Neste capítulo, apresentam-se as conclusões em torno da pesquisa realizada nas universidades Pedagógica e Eduardo Mondlane sobre a análise de factores que influenciam a escolha de curso de educação de infância.

Após a leitura de diversas obras e análise dos resultados obtidos através do questionário e entrevista, do tema em estudo, cujo principal objectivo era analisar os factores que influenciaram a escolha do curso de educação de infância na UP e UEM e, de forma específica, indicar os factores que influenciam os estudantes na escolha de curso; descrever o tipo de apoio que as universidades dão aos estudantes após o ingresso de forma a autodescobrirem-se e, por fim, identificar as expectativas dos mesmos após a formação. Conclui-se que:

Vários factores influenciaram a escolha deste curso, porém o que mais se destacou foi o amor pelas crianças.

Em relação ao tipo de apoio que as universidades dão aos estudantes, constatou-se que a UP recorre às práticas pedagógicas, e a UEM ao aconselhamento no início do ano, visitas aos centros infantis e ao estágio.

No que diz respeito às expectativas após a formação, tanto os estudantes da UEM como os da UP pretendem criar seu próprio emprego. Alguns estudantes da UEM têm expectativa de procurar emprego na área, já os da UP pretendem continuar com estudos e a trabalhar na área.

Em suma, a escolha de curso está sujeita a vários factores de influência, podendo advir das condições socioeconómicas em que os estudantes e as instituições de ensino se inserem, por essa razão faz-se necessário antes do ingresso no curso e durante a formação que seja feito um aconselhamento aos estudantes, visto que escolher um curso é construir uma identidade profissional e pelo facto de a profissão ocupar a maior parte do tempo das pessoas, importa que ela lhe proporcione um bem-estar.

5.2 Recomendações

Perante as conclusões recomenda-se:

1º Aos Candidatos

- Antes de escolher o curso é preciso um autoconhecimento, que implica fazer questões sobre os seus pontos fortes, fracos e suas habilidades;
- Procurem aconselhamento vocacional para evitar fazer escolhas erradas;

2º Às Universidades

- Que façam o uso da autonomia que lhes é conferida pela lei do ensino superior 27/2009 no seu artigo 7 nº1, que anuncia que elas podem elaborar proposta de um modelo de avaliação;
- Que realizem outros estudos com estudantes do mesmo curso, que tenham terminado quarto nível, visando verificar a satisfação dos mesmos em relação ao curso;
- Elaborem uma proposta dirigida ao Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano, sugerindo a implementação de orientação vocacional e profissional visando preparar os alunos do segundo ciclo do Ensino Secundário Geral de forma a autodescobrirem-se e posteriormente façam escolhas assertivas de cursos;
- Em particular a UP, crie mecanismos para aconselhamento dos estudantes que estejam a frequentar este curso.

3º Ao Ministério de Educação e Desenvolvimento Humano

- Elabore um plano do "dia aberto" abrangente para todo país para os estudantes do Ensino Secundário Geral autodescobrir-se.

Referências Bibliográficas

- Alberto, A., Siteo, A., Lobo, A., Malauene, D., Noa, F., Cumaio, G., Muquingue, H., Buduia, I. & Mosca, J. (2012). *Plano Estratégico do Ensino Superior (2012-2020)*, Ministério de Educação, Maputo.
- Bardin, L. (2012). *Análise de Conteúdo*. Lisboa.
- Bohoslavsky, R. (1998). *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. 11^a Ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Boock, S. D. (2013). *Orientação profissional. Abordagem sócio-histórica*. São Paulo. Cortez editora.
- Boock, S. D. (2006). *Orientação profissional. A abordagem sócio-histórica*. 3^a ed. São Paulo. Cortez.
- Bomtempo, S. M. (2005). *Análise dos factores de influência na escolha pelo curso de graduação em administração: um estudo sobre as relações de causalidade através da modelagem de equações estruturais*. Dissertação de mestrado. Brasil: São Paulo.
- Calça, S. M. A. (1999). *Escolha, motivação e expectativa de académicos de psicologia quanto a profissão: uma perspectiva psicoeducacional*. Dissertação de mestrado.
- Chibemo, J. T. & Canastro F. (2015). *A orientação vocacional e profissional no Ensino Superior em Moçambique. Um estudo do caso (Sofala)*. *Revista de estudos e investigação em psicologia yeducacion*. Vol. nº 3, 43.
- Conselho de Ministros (2009). *Estratégias do Ensino Secundário Geral 2009-2015*. 24/11/09.

- Costa, M. A. F & Costa, M. F. B. (2013). *Projecto de Pesquisa, Entenda e Faça*, 4ª edição, editora vozes. Brasil.
- Delors, J. (1996). *Relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*, EDUCAÇÃO UM TESOURO A DESCOBRIR. 6ª Ed. Brasil, Cortez editora.
- Fonseca, J. C. de F. (2003). *Adolescência e trabalho*, São Paulo: Cortez.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed). São Paulo: Atlas.
- Gonçalves, H. S. Borsoi, T. S., Santiago, M. A., Lino, M. V., Lima, I. N. & Frederico, R. G. (2018). *Problemas da juventude e seus enfrentamentos: um estudo de representações sociais. Psicologia e Sociedade*.
- Jacinto, L. M. (2015). Factores que influenciam na escolha de cursos no Ensino Superior: o caso dos estudantes da UP-Montepuz. *KULAMBELA-Revista Moçambicana de Ciências e estudos da educação*. Vol. 02, 34-43.
- Kamii, C. & Morgado, J. (2003). *A teoria de Piaget e educação pré-escolar*. 3ª ed. Lisboa: instituto Piaget.
- Levenfus, R. (2002). *Principais temas abordados por jovens centrados na escolha profissional*. In Levenfus R & Col (ed). *Orientação vocacional ocupacional*, Porto Alegre. Artmed editora S.A.
- Lisboa, M. D. & Soares, D. H. P. (2018). *Orientação profissional em acção: formação e prática de orientadores*. São Paulo: Summus. V.2.

- Matlombe, A. (2008). *Orientação escolar profissionalizante: uma contribuição para o aconselhamento dos alunos do primeiro ciclo do ensino secundário Geral*. Dissertação de mestrado. Maputo.
- Melo-Silva, L. L., Lassence, M. C P. & Soares, D. H. P. (2004). *Orientação profissional no contexto de educação e trabalho São Paulo*. *Revista brasileira de orientação profissional*. Vol. Nº 2, 33
- Ministério da Educação e Cultura e Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação (INDE), (2007). *Plano Curricular do Ensino Secundário Geral (PCESG). Documento Orientador, Objectivos, Política, Estrutura, Plano de Estudo e Estratégico de Implementação*.
- Moura, C. B. Silveira, J. M. (2002). Orientação profissional sob o enfoque da análise do comportamento: *Avaliação de experiencia - Revista Estudos de Psicologia*, Campinas, vol. 19. P. 5-14.
- Piffer, C. C. G. (2015). *Formação inicial e exercício da docência na educação infantil: expectativas e percepções de estudantes do curso de pedagogia da FCT/UNESP*. Brasil.
- Prim, A. L. (2003). *Motivos da invasão escolar nos cursos de ensino superior de uma faculdade na cidade de blumenau*. <https://www.researchgate.net>.
- Ribeiro e Silva, (2011). *Compêndio de orientação Profissional e de carreira: perspectivas históricas e enfoques teóricos clássicos e modernos*, 1ª ed. São Paulo.
- Simões, A. S. C. (2015). *O papel do educador de infância no brincar da criança, relatório da prática profissional supervisionada, mestrado em educação pré-escolar*, instituto politécnico de Lisboa, Escola Superior de Educação de Lisboa.

Silveira, D. & Cordóvoa, F. (2009). In Gerhardt, T; & Silveira, D, (Orgs.). (2009). *Métodos de pesquisa*. Rio Grande do Sul: UFRGS.

Soares, D. H. P. (2002). *A escolha profissional do jovem ao adulto*. 2ª Ed. São Paulo Summus editorial, editora afiliada.

Tavares, V. L. C. (2009). *Orientação vocacional e profissional: um estudo sobre o funcionamento das estruturas de orientação nas escolas do distrito de braga*. Tese de doutoramento. Universidade de Granada.

Ussene, C. I. (2011). *Desenvolvimento, vocacional de jovens: estudos com alunos de ensino secundário Moçambique*. Tese de doutoramento em psicologia. Universidade de Minho. Portugal.

Leis

Lei 6/92 do Sistema Nacional de Educação

Lei 27/2009 do Ensino Superior

ANEXO



UNIVERSIDADE
EDUARDO
MONDLANE

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CRENCIAL

Credencia-se Dorcas Luis Maulano Banoz¹ estudante do curso
de Licenciatura em Organização e Gestão de Educação²,
a contactar Faculdade de Ciências de Educação e Psicologia³
a fim de efectuar recolha de dados aos estudantes⁴
do curso de Educação de infância (1º ano).

Maputo, 14 de Junho de 2018⁵

O Director Adjunto para Graduação

Adriano S. Uaciquete

dr. Adriano Uaciquete,
(Assistente)

- ¹ (Nome do Estudante)
² (Curso que frequenta)
³ (Instituição de recolha de dados)
⁴ (Finalidade da visita)
⁵ (Data, Mês, Ano)

Recebido FACEP
13/06/18



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

Av. de Moçambique Km 1,5 *Campus* de Lhanguene, Caixa Postal 4040, Tel. 21431309, Maputo Moçambique

A UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE EDUCACAO

INFORMAÇÃO N° 300 /FACEP/UP/230/2018

Em relação a credencial emitida por V.Excia. de 28 de Junho de 2018, a favor da senhora **Dorca Luís Maulane Ramos**, a fim de efectuar recolha de dados aos estudantes do curso de Educação de Infância do 1º ano, o Diretor adjunto Pedagógico da Faculdade exarou o seguinte despacho:

" Autorizo, coordenar com Dr. Ângelo Ferreira. "

Ass. Prof. Doutor Eduardo Humbane

08/08/18

Maputo, ao 14 de Agosto de 2018

A Chefe da Secretaria


(drª Verónica Augusto Sendela)

CC.Chefe de Departamento de Ciências da Educação

Apêndices

7. Que apoio tem recebido na universidade para lhe ajudar a descobrir se tem vocação para curso de Educação de Infância?

- a) Aconselhamento b) Palestras sobre áreas operacionais do curso
c) Sem apoio d) Estagio nas escolinhas e Centros infantis
e) Visita as escolinhas

8. Assinala com X na resposta que achar favorável para si.

Que requisitos te foram exigidos para o ingresso na universidade:

- a) 12^a classe ou equivalente
b) Conclusão 12^a a letras
c) Conclusão da 12^a a ciências
d) Passar por orientação vocacional

6. Para além do exame escrito, passou por outro tipo de teste, que lhe ajudou a descobrir se o curso de Educação de infância tem a ver com a sua vocação?

Sim Não

7. O que pretende fazer após a conclusão do curso?

Guia de entrevista ao Director e a directora do curso de Educação de Infância

Respondo pelo nome de Dorca Luis Maulano Ramos, estudante da Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Educação, encontro-me a fazer a monografia para a conclusão do curso em Organização e Gestão da Educação, com o tema, " *factores que influenciam a escolha de curso: caso curso de Educação de Infância UP e Desenvolvimento e Educação de Infância UEM.*". Gostaria de contar com a colaboração dos Directores respondendo as perguntas, sendo que as respostas dadas serão apenas para a elaboração deste trabalho garante-se o anonimato e a confidencialidade das suas opiniões e respostas. Agradeço antecipadamente pela atenção e colaboração.

Perfil do entrevistado

1. Género: M () F ()
2. Cargo de direcção: _____
3. Idade _____ Tempo de serviço: _____
4. Qualificação académica: _____

Sessão das perguntas

1. No acto de ingresso, para além do exame escrito, o estudante é submetido a outro tipo de exame, como forma de descobrir se reúne condições para fazer este curso.
2. De acordo com a sua experiência, quais tem sido os factores que influenciam a escolha do curso de Educação de Infância?
3. Será que os estudantes escolhem o curso referido no número dois (2) por amor as crianças?
4. Que actividades têm levado a cabo para descobrir o lado vocacional dos estudantes?
5. Para o caso da descoberta de estudantes que não se identificam com o curso, que critério tem se levado em conta para melhorar a inserção dos estudantes/ O que se faz com aqueles que não tem vocação.
6. Que expectativa tem em relação aos estudantes após a sua formação?